

Hamlet + D. Juan = Platónov



© Manuela Giusto

Peter Stein, o decano encenador alemão, tem apresentado no Festival, de 2012 a esta parte, peças de um leque de autores tão variados quanto Goethe, Labiche, Beckett ou Pinter. Desta vez, lança-se a um texto que Tchecov escreveu na juventude e que nunca chegou a ver representado: *Platónov*, uma peça na qual já despontam os temas, as personagens e os ambientes que viriam a caracterizar os textos escritos posteriormente. “O Tchecov, mesmo muito novo, já tinha percebido tudo”: quem o afirma é o próprio Stein a propósito deste *Platónov*, a peça que o autor de *A gaivota* escreveu com apenas 21 anos, que foi recusada pelo teatro de São Petersburgo, e que o dramaturgo acabou por guardar na gaveta, nunca chegando a publicá-la. Sendo um texto desmedido, sem o poder de concisão e síntese das obras-primas da maturidade tchecoviana, em *Platónov*, contudo, já se encontra o germe dos temas que o dramaturgo abordou no final do século XIX e que continuam a interpelar-nos nos nossos dias: a incapacidade de nos adequarmos à mudança, o amor, o tédio, o mistério inexplicável da vida, a morte. Escrita por volta de 1880, e também conhecida pelo título *Órfão de pais* — como resposta a *Pais e filhos*, de Turgueniev? —, *Platónov* consiste, segundo o encenador alemão, “na história de um homem talentoso e fascinante, mas incapaz de encontrar o seu lugar no mundo. Amado por quatro mulheres, é incapaz de escolher uma. Perde-se nas suas cogitações, oscila entre desejo e medo, até acabar por detestar-se a si próprio”. Esta personagem, que vários autores situam entre um

Hamlet e um D. Juan de província, consiste no primeiro exemplo da longa série de ‘homens supérfluos’ que Tchecov criará no conjunto dos seus contos e peças de teatro. Estamos perante o retrato de um mundo materialista e decadente, em derrocada, mas que jamais renuncia à beleza das coisas. A dada altura houve-se da boca de Anna Petrovna, a ‘Generala’: “Ou a propriedade, ou a honra — e eu escolho a propriedade”. E adiante Platónov, o protagonista, que dá o nome à peça, brinda “ao fim de todas as amizades, incluindo a nossa”.

Para António Pescada, tradutor desta peça, “neste texto, Tchecov faz o retrato social de uma certa camada da sociedade russa de uma determinada época, que inclui elementos da pequena nobreza arruinada ou em vias de o ser, e alguns intelectuais e elementos da burguesia em ascensão. No fundo, aquilo a que hoje chamariamos a classe média, consciente da crise profunda da sociedade mas incapaz de apontar saídas para vencer essa crise: limitam-se a sonhar com a mudança, com uma vida melhor e mais justa. *Platónov*, não tendo mais que fazer, seduz e humilha as mulheres. Mas se a vida é só isso, então para quê viver? Em *A gaivota*, Tréplev, perdido o sentido da vida, encontra a saída no suicídio. Mikhail Platónov, por seu lado, prisioneiro das suas contradições embora conscientemente não queira morrer, procura inconscientemente a morte. E acaba por encontrá-la, talvez de onde menos se esperava”.

Amanhã e Segunda-feira na Sala Principal do TMJB, às 16H00.

E eis que ele aí está, o tempo das cerejas

Supostamente graças à abundância de chuva na altura certa, este é um bom ano de cerejas. Vem o Verão e aí estamos nós com os sentidos despertados: mais curiosos, mais inquietos, mais desejosos. Porventura mais predispostos, também, para o prazer inteligente do teatro. É o que cá nos traz.

Nas próximas duas semanas há espetáculos às mãos cheias. Uma verdadeira catadupa — contabilizámos 148 horas e meia, o equivalente a seis dias inteiros sem fazer absolutamente mais nada — de peças, concertos e conversas com os artistas que nos vêm mostrar o que andaram a preparar no frio Inverno. Criações de grande e de pequeno formato, com e sem texto, em português e em línguas que conhecemos melhor ou pior.

Nesta edição a literatura apoderou-se dos nossos palcos. E será quase impossível escaparmos à onnipresença de Tchecov, um escritor que — na Rússia do final do século XIX — nos descreveu minuciosa, contida e profundamente como soemos iludir-nos em jovens e desencantar-nos com a idade; como o teatro pode sugar aqueles que o fazem, consumindo-lhes a vida e por vezes até a humanidade; como a bebida pode constituir um fraco consolo para os mais solitários e sensíveis de nós; como podemos viver tão, tão, tão obcecados pelo dinheiro, à espera de heranças que nunca mais chegam, e das respectivas mortes — quais danos colaterais — daqueles que no-las proporcionarão.

É que as personagens de Tchecov se parecem irremediavelmente conosco. Há mais de cem anos, portanto, na longínqua Rússia rural, ele ter-nos-á ‘apanhado’ como poucos. Somos assim, para mal dos nossos pecados. Ainda somos. Com as nossas misérias, alguma alegria, e as nossas angústias jamais resolvidas. Agora é tempo de nos sentarmos a saborear as palavras que em boa hora este dramaturgo nos legou — como as cerejas, diz-se.

Rodrigo Francisco

O estado Absurdo do mundo

A Companhia de Teatro de Almada estreia amanhã **SAUDAÇÕES**, com encenação de Álvaro Correia, um espectáculo que inclui três peças curtas de Eugène Ionesco: *As saudações*, *O novo inquilino* e *Delírio a dois*. Gonçalo Frota escreveu hoje no *Público* que “no actual contexto sociopolítico mundial — acredita o encenador deste espectáculo —, talvez o olhar desconcertante de Ionesco possa sintonizar-se com aquilo que acontece à nossa volta: se não for capaz de lhe descobrir um sentido, também ninguém se espantará. [Ao universo cómico] de Buster Keaton e Laurel & Hardy, [esta criação reúne referências] ao cinema de Jacques Tati, à pintura de René Magritte, ao pessimismo filosófico de Emil Cioran, e a um certo surrealismo literário na veia de Boris Vian”.

Sobre a originalidade, a premência, a irreverência e a importância de Ionesco para o

cânone do teatro ocidental, escreveu Emmanuel Jacquart (professor na Universidade de Harvard) o seguinte: “Sendo um poeta-humorista da craveira de Prévert e de Queneau, e dotado, tal como Lewis Carroll, de um sentido de *nonsense* aliado a uma imaginação transbordante e a uma capacidade de espantar que surpreenderia Sócrates, Ionesco evolui com naturalidade no universo da derisão e do tragicómico. A sua escrita desafiou todos os conformistas, feriu várias susceptibilidades, e marcou profundamente o teatro da sua época. Este dramaturgo ‘solitário’, com ‘nódoas negras na alma’ e ocasionalmente com um sorriso nos lábios, é um dos mestres — e *enfants terribles* — do seu tempo”.

Até dia 17, aos dias ímpares, na Sala Experimental do TMJB.



© Rui Carlos Mateus

Percussões ‘dos Algarves’

O duo Barlavento marca presença no palco da Esplanada. O renomado percussionista lúri Oliveira e o guitarrista e pianista André Júlio Turquesa trazem-nos melodias doces, suaves — e bem ritmadas. Esta dupla de músicos apresenta-se como “tendo ainda um longo caminho a trilhar”, e que a sua vontade está totalmente virada para a “transmusicalidade”, explorando novas sonoridades e fusões artísticas.

Amanhã, na Esplanada da Escola D. António da Costa.

Festival em directo hoje à noite

Hoje o espectáculo inaugural — *Danse Macabre*, de Martin Zimmerman — será transmitido em directo na RTP 2, ao abrigo de um protocolo iniciado em 2024 entre o canal público de televisão e o Festival de Almada. A criação da Companhia de Teatro de Almada — **SAUDAÇÕES**, de Ionesco, com encenação de Álvaro Correia — será gravada na próxima Quarta e transmitida na RTP 2 e na plataforma digital RTP Palco durante o mês de Setembro.

Ainda há bilhetes para o Festival

Os títulos de Assinatura já se encontram esgotados, mas ainda é possível adquirir bilhetes avulsos para os seguintes espectáculos: *Platónov* (dias 5 e 6); *Ansioliticamente falando* (dias 5 e 7); *Saudações* (dias 7, 9, 11 e 13); *Happy days* (dias 9 e 11); *Só mais uma gaivota* (dias 13 e 17); *O beijo no asfalto* (dia 14); e *Le sommet* (dia 17).

Restaurante da Esplanada

HOJE
Creme de legumes
Carne de porco com migas
Bacalhau à Zé do Pipo
Macarrão dos Alpes

AMANHÃ
Sauerbraten
Linguini com camarão
Salada de melancia e queijo feta

Agenda de Amanhã

ANSIOLITICAMENTE FALANDO
16H00
Academia Almadense

PLATÓNOV
16H00
Teatro Municipal Joaquim Benite

SAUDAÇÕES
18H00
Teatro Municipal Joaquim Benite

BARLAVENTO
20H00
Escola D. António da Costa

O Livro do Dia



2€ na Banca do Festival